

Fernanda Canavêz  
(Org.)

ENSAIOS  
(MARGINAIS)  
SOBRE A

CONFUSÃO  
CONFUSÃO



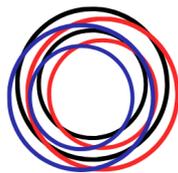
A proposta de trocar ideias/afetos sobre a confiança tinha surgido da constatação de que nós, trabalhadoras e trabalhadores da Universidade e do campo *psi*, temos a prática de coletivizar diagnósticos sobre o mal-estar que nos assola, muito embora sejamos marcadamente individualistas ao procurar destinos menos mortíferos em resposta às nossas análises de conjuntura. Em foro íntimo, trocamos figurinhas sobre nossas dificuldades para amar, frustrações e a sensação de desamparo diante de certa nostalgia das instituições: do casamento ao Estado de bem-estar social que ainda parecem povoar, com força, nosso imaginário. O individualismo que nos especializamos em criticar parecer ser exatamente a tônica de que lançamos mão para nos desembaraçar dos dilemas colocados pelo neoliberalismo. E assim permanecemos na circularidade da mistura explosiva entre propriedade privada, familialismo, amor romântico, produtivismo, combinação a repousar em banho-maria no caldo da desconfiança. É com pesar que nos sentimos mais próximos do sujeito empreendedor de si, desconfiado e arredo, do que nossos livros e artigos podem fazer acreditar. Haja ato de fé, "na fé firmão".



editora *fi*.org



## **ENSAIOS (MARGINAIS) SOBRE A CONFIANÇA**



**marginália**  
LABORATÓRIO DE PSICANALISE  
E ESTUDOS SOBRE O CONTEMPORÂNEO

# ENSAIOS (MARGINAIS) SOBRE A CONFIANÇA

Organizadora  
**Fernanda Canavêz**



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Lucas Margoni

**Fotografia / Imagem de Capa:** Daniel Guimarães



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhamento 4.0 Internacional [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

---

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

CANAVÊZ, Fernanda (Org.)

Ensaio (marginais) sobre a confiança [recurso eletrônico] / Fernanda Canavêz (Org.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022.

69 p.

ISBN: 978-65-5917-548-2

DOI: 10.22350/9786559175482

**Disponível em:** <http://www.editorafi.org>

1. Ensaio; 2. Psicanálise; 3. Confiança; 4. Interpretação; 5. Análise; I. Título.

CDD: 150.195

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise 150.195

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>9</b>
<b>PARA ABRIR A GIRA</b> <i>Fernanda Canavêz</i>	
<b>2</b>	<b>12</b>
<b>CONFIANÇA É FOGO</b> <i>Caio Riscado</i>	
<b>3</b>	<b>16</b>
<b>CONFIANÇA EM DOIS ATOS</b> <i>Camila Peixoto Farias</i> <i>Giovana Fagundes</i>	
<b>4</b>	<b>23</b>
<b>CONFIAR NA ORIGEM/ORIGEM DA CONFIANÇA</b> <i>Daniel Mograbi</i>	
<b>5</b>	<b>27</b>
<b>O INTERVALO DA CONFIANÇA</b> <i>Francisco Teixeira Portugal</i>	
<b>6</b>	<b>33</b>
<b>ESSE TEXTO PODE NÃO SER CONFIÁVEL</b> <i>Laura Conceição</i>	
<b>7</b>	<b>36</b>
<b>CONFIANÇA: SEMENTE ATIRADA</b> <i>Ludmila Frateschi</i>	
<b>8</b>	<b>41</b>
<b>ERA PRIMEIRO A BOCA</b> <i>Miro Spinelli</i>	

<b>9</b>	<b>44</b>
<b>UM CAUSO SOBRE A CONFIANÇA</b> <i>Philippe Oliveira de Almeida</i>	
<b>10</b>	<b>48</b>
<b>A APOSTA NESSE RITMO NOSSO QUE CONSTRÓI UMA PERIFANÁLISE</b> <i>Coletivo PERIFaNÁLISE</i>	
<b>11</b>	<b>54</b>
<b>CONFIANÇA NA ESCUTA DAS RUAS</b> <i>Coletivo Psicanálise na Rua</i>	
<b>12</b>	<b>59</b>
<b>CONFIAR, TESSITURAS DA VIDA COMUNAL</b> <i>Saulo Luders Fernandes</i>	
<b>13</b>	<b>64</b>
<b>A CONFIANÇA NOS TEMPOS DA CÓLERA</b> <i>Tania Rivera</i>	
<b>SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES</b>	<b>67</b>

# 1

## PARA ABRIR A GIRA

*Fernanda Canavéz*

"Confiança é uma postura", dispararam como uma flecha no encontro do *marginália Laboratório*<sup>1</sup> em que discutimos os ensaios aqui reunidos.

A proposta de trocar ideias/afetos sobre a confiança tinha surgido da constatação de que nós, trabalhadoras e trabalhadores da Universidade e do campo *psi*, temos a prática de coletivizar diagnósticos sobre o mal-estar que nos assola, muito embora sejamos marcadamente individualistas ao procurar destinos menos mortíferos em resposta às nossas análises de conjuntura.

Em foro íntimo, trocamos figurinhas sobre nossas dificuldades para amar, frustrações e a sensação de desamparo diante de certa nostalgia das instituições: do casamento ao Estado de bem-estar social que ainda parecem povoar, com força, nosso imaginário. O individualismo que nos especializamos em criticar parecer ser exatamente a tônica de que lançamos mão para nos desembaraçar dos dilemas colocados pelo neoliberalismo. E assim permanecemos na circularidade da mistura explosiva entre propriedade privada, familialismo, amor romântico, produtivismo, combinação a repousar em banho-maria no caldo da desconfiança. É com pesar que nos sentimos mais próximos do sujeito

---

<sup>1</sup> *marginália* - Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo, sob minha coordenação no Instituto de Psicologia da UFRJ. Atualmente, a equipe é composta por Beatriz Adler, Giuliana Lucas, Hirne Peçanha, Juliana Garcia, Luciano Dias, Michelle Simões, Roberta Teixeira e Vanessa Correia. Agradecemos ainda ao colega Mateus Reis pela interlocução e confiança.

empreendedor de si, desconfiado e arredio, do que nossos livros e artigos podem fazer acreditar. Haja ato de fé, "na fé irmão"<sup>2</sup>.

Conhecemos muitos dos motivos que nos levam a não confiar no outro, de forma que para o mal do individualismo buscamos... mais individualismo! Fazendo eco à formulação de Donna Haraway<sup>3</sup>, fiquemos por um momento com esse problema (por nós criado) e deixemos de lado as expectativas de salvação. Ocorre que, não raras vezes, sentimos falta da tal da confiança. Em uma conversa de elevador, ao assinar um contrato, nas juras de amor ao pé do ouvido, na confirmação de um número na urna eletrônica, na comunicação de uma pesquisa acadêmica, ao atravessar a rua da esquina, no ato de organizar uma coletânea. Qual é o fiel da balança da confiança, que pode pender tanto para um encontro efetivo, com suas dores e delícias, quanto para um tropeço no outro – quase escrevi espelhamento – de cujas marcas buscamos nos desembaraçar?

Na tentativa de deslocamento dos centros de onde emanam hegemônias, os ensaios (marginais) sobre a confiança buscam ser menos um tratado academicista sobre o tema e mais o convite a um exercício prazeroso de fabulação em que se pode confiar no outro e descansar na prática da criatividade. E que assim a Universidade possa se contaminar de afetos, da intimidade e do imponderável dos encontros.

Afinal de contas, "tudo é desse mundo, a surpresa também"<sup>4</sup>, de acordo com o precioso ensinamento de Sérgio Sampaio, incluindo a aposta em um mundo mais plural, perpassado pela confiança e pela

---

<sup>2</sup> Racionais MC's. (2002). Na fé irmão. In *Nada como um dia após outro dia* [CD]. Boogie Naípe.

<sup>3</sup> Haraway, D. (2016). *Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press.

<sup>4</sup> Sampaio, S. (1994). Cruel. In *Cruel* [CD]. Saravá Discos.

aposta nas relações. Ou ainda, como lembra o samba: "a vida não é só isso que se vê, é um pouco mais"<sup>5</sup>. Vida que, aliás, pode ser muito boa, ao contrário da retórica trágica que aprendemos a estudar e aplaudir. Na minha trajetória como estudante de Psicologia, tive a sorte de contrastar essa apologia com os ensinamentos do mestre Faíscca<sup>6</sup>, responsável por me ensinar a tocar percussão, sentir o pertencimento a uma bateria de escola de samba e, de quebra, imprimir ao corpo a marra necessária para me fazer notar a partir da alegria incendiária. "Filho de Faíscca é fogo, se entra no jogo é pra incendiar!"<sup>7</sup>.

Se a confiança é mesmo uma postura, então que possamos assumi-la para abrir mão da melancolia caricata e em tons de cinza para nos lançar ao som dos corpos que pulsam na cadência de uma bateria, na tarefa de criar (e enxergar) a surpresa de um novo jeito de viver, de pensar, de sonhar, de sofrer. Incendiemos!

---

<sup>5</sup> Viola, P. & Carvalho, H.B. (1974). Sei lá, Mangueira. In *Sei lá* [LP]. Odeon.

<sup>6</sup> Marco Antônio Pereira Guimarães, mestre de bateria do G.R.E.S. Império Serrano, escola de samba tradicional do Rio de Janeiro. Em 2022, a bateria imperiana desfilou sob a batuta do mestre Vitinho, filho do mestre Faíscca.

<sup>7</sup> Feital, P.C. et. al. (2022). Mangangá. In *Sambas de enredo 2022* [CD]. Universal Music Group.

# 3

## CONFIANÇA EM DOIS ATOS

### ATO 1 - SOBRE A TRANSMISSÃO DA (CON)FIANÇA

*Camila Peixoto Farias*

Para celebrar a vida de Nilza Izabel Peixoto – a Mima

Confiar

Con - fiar

Fiar: Compor com fios

Eu fio

Tu fias

Ela fia

Nós fiamos

Vós fiais

Elas fiam

Minha tia Nilza, carinhosamente apelidada de Mima, fiava agasalhos para as sobrinhas enfrentarem o frio rigoroso do inverno gaúcho. Todas as noites ela fiava um pouco, aquecendo as próprias mãos com o calor que iria presentear a geração seguinte. Ela fiava, compunha com os fios possibilidades de sobrevivência, mas não só: compunha aconchego, beleza e satisfação para si mesma e para suas descendentes.

A alegria, o orgulho e a satisfação que transbordavam quando ela finalizava um agasalho contagiavam quem estivesse por perto e percebíamos que aqueles agasalhos eram feitos não só para quem os vestiria, mas também para ela e para aquelas que a antecederam e haviam

transmitido a arte da (con)fiança. Mima dizia que fiar era um momento de descanso, de prazer. Através dessa cena que marcou minha infância, ela me contava que (con)fiar é poder descansar, poder sentir prazer amparada pela trama do passado, fiando o presente e apostando no futuro. Aprendi com ela que (con)fiar tem a ver com vínculo, com descanso e satisfação, tem a ver, primeiramente, com amor de si, mas também com amor pelo outro. Mima (con)fiava e o seu fiar cuidava: cuidava de si e do outro.

Mima é uma mulher que rompeu com os padrões da sua época na zona rural do interior do Rio Grande do Sul: estudou, trabalhou fora e optou por não se casar – e por isso ouvia e ouve até hoje dos homens machistas da família piadas cruéis e violentas. Mas eles não conseguiram tirar a capacidade dela de (con)fiar. Ela segue criando as próprias composições com os fios que chegam até ela, escolhendo quais utilizar e como.

Apesar da imposição compulsória do cuidado como tarefa das mulheres em nossa sociedade, Mima construiu um espaço de existência próprio, criava suas próprias composições com os fios da vida e sabia que isso tecia o amparo da (con)fiança para as gerações seguintes, que isso fiava para nós que viemos depois a possibilidade de construção das nossas próprias composições. Ela fiava para ela, por ela, para mim, por mim tramando fios que vinham de passados pouco contados.

O momento da entrega dos agasalhos era momento de grande alegria e comemoração para a Mima e para quem recebia o presente. Momento de celebrar o fiar, a composição de fios que unia as gerações, que unia passado, presente e futuro. Mima, que é também minha madrinha, me presenteou com várias peças que me aqueceram em muitos invernos, mas, principalmente, me presentou com a (con)fiança, com a

arte de fiar, de compor com os fios da vida um tempo/espaço de descanso, satisfação e celebração ancorado no que recebi de quem me antecedeu, mas transformando, criando e apostando no futuro, (con)fiando em quem virá depois.

Isso representa um pouco do que a Mima é para a minha família, mas mostra apenas uma pequena faceta do tanto que ela nos possibilita (con)fiar e, portanto, ser. Talvez isso explique um pouco meu amor pelo inverno, pelo frio: a alegria, o aconchego e a possibilidade de tecer minha própria vida.

Mima é uma (con)fiadora de futuros! Fia até hoje futuros para si mesma e para nós que viemos depois a partir de fios trazidos pelas que a antecederam. Eu fico pensando que a confiança talvez esteja alicerçada no vínculo com alguém que (con)fie por si e por nós, que seja nossa fiadora na aposta do viver, transmitindo assim a arte da (con)fiança. E isso torna possível agradecer, celebrar, descansar e sonhar!

Mima é uma mulher que, apesar de todas as violências de gênero e de classe sofridas, fiou a própria vida e construiu lastro para que outras mulheres como eu criassem o próprio fiar, sentindo que o (con)fiar não é solitário: é poder ser uma, mas não ser só<sup>1</sup> – como nos lembra Sued Nunes. É sentir-se parte da trama fiada desde muito antes de nós e que seguirá depois nós! É sentir que a (con)fiança é povoada e povoa de possibilidades a vida!

Esse (con)fiar é um dos principais alicerces para o meu trabalho na universidade, especialmente para construção de parcerias de (con)fiança com outras mulheres, parcerias para fiar e resistir ao dia a dia do contexto universitário – por vezes tão violento e árido. A possibilidade

---

<sup>1</sup> Nunes, S. (2021). Povoada. In *Travessia* [CD]. Mugunzá Records.

de confiar que me foi transmitida pela Mima (que também era professora) tem possibilitado (con)fiar com outras mulheres, construir projetos, escutas, espaços, tempos de (con)fiança na universidade. Destaco a parceria com a querida colega Giovana Fagundes que tem compartilhado comigo novas possibilidades de fiar e também de produzir novos fios. E assim o (con)fiar segue tecendo possibilidades de vida e alicerçando presentes e futuros colaborativos, amorosos e revolucionários.

## **ATO 2 - SOBRE CO-LABORAR A PARTIR DA CONFIANÇA**

*Giovana Fagundes*

Para celebrar as parcerias genuinamente colaborativas

Ao ler o relato sobre tia Mima, com sua força ético-estética, me emociono e sou imediatamente convocada a filosofar. Todo objeto tem uma história e toda palavra também, a qual, geralmente, remete a tempos muitos distantes dos nossos, carregando fios do contexto e da intencionalidade que a criou.

O verbo confiar, em nossa língua, tem origem no latim antigo: *con fides*. A palavra *fides* significa fé, remetendo ao ato de acreditar em algo ou alguém. Ou seja, ao confiar, cremos em algo, mesmo que invisível, permitindo seguir por um caminho ou investir em uma relação. A fé, questão marginal na universidade, delegada à teologia, tem sido desvalorizada contemporaneamente, principalmente no âmbito da psicologia, reduzida a um aspecto do psiquismo. No entanto, trata-se de uma temática existencial constantemente retomada pela filosofia como

um aspecto da experiência coletiva cotidiana, não apenas como dimensão transcendental. O filósofo Merleau-Ponty<sup>2</sup>, por exemplo, denomina de *fé perceptiva* a faculdade de confiar no mundo através de percepções prévias, algo que acontece a partir do corpo vivo, situado, que percebe o contexto a partir da materialidade, no encontro com a alteridade. Tudo nos chega através dos sentidos, num plano em que mente e corpo não existem separadamente.

O sentir e o pensar só se separam e antagonizam no pensamento cartesiano ocidental, branco, masculinizado, eurocentrado. Nessa tradição, à mulher foi delegado o sentir, considerado como uma dimensão inferior, corporal, visceral. O homem, ser racional e objetivo, buscou dominar o mundo, os corpos e os pensamentos numa lógica que semeou a competitividade e a desconfiança. Herdamos este modo de existir. Porém, não competimos entre iguais, posto que a mulher tem sido historicamente objetificada<sup>3</sup> – desqualificação que se amplia a depender da raça, da classe, da idade e da orientação sexual. Vemos meninas que crescem e aprendem a ver mulheres como rivais, comparam-se, criticam-se, cobram umas das outras a adequação aos padrões hegemônicos. Sem perceber, criam hierarquias e reproduzem a lógica do patriarcado, o racismo e os estereótipos de gênero, restringindo a pluralidade dos modos de existir. Com isso, a raiva e a competição voltam-se contra si mesmas e contra as demais.

Trata-se de um processo histórico no qual aprendemos a desconfiar das mulheres, colocadas sempre como intensas e instáveis: *la donna*

---

<sup>2</sup> Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes.

<sup>3</sup> Simone de Beauvoir denuncia essa lógica ao nos considerar o “segundo sexo”.

*è mobile!* Aos poucos, não confiamos sequer em nós mesmas. Desconfiamos da nossa própria percepção, das sensações intuitivas – expressões do corpo – e das nossas experiências. Negamos a sabedoria ancestral e visceral, rompendo a conexão com a fé perceptiva, com a sabedoria de nossa corporeidade.

Mas sempre podemos reencontrar o fio que nos leva de volta ao sentir – como mostra a trajetória de Mima, que seguiu em seu fiar... seguida por Camila, que chegou então a mim no contexto da universidade. Um dia, Camila me convidou a pesquisar tendo o sentir como ponto de partida. E isso abriu um horizonte estético no qual nos ampliamos como mulheres e como profissionais. Ela me convidou a tecer com ela, dia após dia, a entrelaçar os fios num bordado, numa manta de crochê que pudesse aquecer e se fazer chão, criando um espaço de trabalho e de descanso em nossa trajetória universitária: um espaço potencial.

Aprendemos, juntas, a tecer novas redes de confiança, que alcançaram outras mulheres. Seja com a pesquisa *Agora é que são elas: a pandemia de Covid-19 narrada por mulheres*<sup>5</sup>, seja em nossos grupos de estudo, aulas, textos, vamos esticando os fios e fazendo uma trama ampla e complexa – uma cama de gato. Essa imagem, invocada por Donna Haraway<sup>6</sup> como uma figura potente para o campo da pesquisa e da intervenção tem muito a nos ensinar. Estamos sempre em uma trama que convida outros a participarem, de forma deliberada ou não, pois toda ação tem consequências, fios que se espraiam de forma tentacular. Faz

---

<sup>4</sup> Famosa ária da ópera *Rigoletto*, de Giuseppe Verdi, traduzida por "a mulher é volúvel (como pluma ao vento)".

<sup>5</sup> Pesquisa interinstitucional em desenvolvimento desde 2020 e coordenada por Camila Peixoto Farias (UFPEL), Giovana Fagundes (UFPEL) e Fernanda Canavêz (UFRJ).

<sup>6</sup> Haraway, D. (2016). *Staying with the trouble: Making Kin in the Chthulucene*. Durham: Duke University Press.

parte do processo rastrear as figuras e seus efeitos, nos lugares onde se produzem, transformando-as em narrativas. Com quem narramos nossas histórias?

Tenho narrado a mim mesma na companhia de muitas mulheres. É preciso confiar para construir parcerias de vida e de trabalho, con(fiança) para tecer colaborações verdadeiras. Co-laborar é laborar junto: criar, trabalhar para fiar algo belo e forte (estético e ético), que dure no tempo. Algo que permaneça para as próximas gerações, como os agasalhos da tia Mima. Eles têm uma função prática, são fruto de trabalho, mas são também abraços afetuosos no clima duro do inverno.

Queremos que nossas parcerias de trabalho e de vida, como as tramas de *tricot*, possam aquecer e ajudar nossas estudantes a enfrentar o clima árido na academia quando ele se impuser. Que elas também possam construir parcerias potentes para produzir, intervir e transformar o mundo. Que possam confiar na potência do encontro e na generosidade das partilhas. Enquanto a lógica produtivista e individualista nos instiga a competir, a fazer mais, a nos destacar quantitativamente, as parcerias genuínas nos ensinam a caminhar lado a lado, a compartilhar, amparar e criar. Resultados inimaginados surgem daí, provenientes de uma nova lógica na qual o inesperado é acolhido e se transforma em algo surpreendente. Abandonar o controle e poder confiar no processo e no encontro é uma ética possível, que escolhemos seguir.

## **SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES**

**Caio Riscado** - Diretor teatral e artístico, artista pesquisador e performer. Professor colaborador e pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da UFRJ (PPGAC/UFRJ), integrante de MIÚDA - núcleo de pesquisa continuada em artes.

**Camila Peixoto Farias** - Psicanalista e Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Professora do curso de Psicologia da UFPel. Coordenadora do Pulsional - Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise (UFPel).

**Daniel Guimarães** - Psicanalista e artista. Membro da Clínica da Cidade - psicanálise pública (SP), editor do site TarifaZero.org e ex-militante do Movimento Passe Livre.

**Daniel Mograbi** - Psicólogo e PhD em Psicologia e Neurociências (Institute of Psychiatry - King's College London). Professor do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, do Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria e Saúde Mental do Instituto de Psiquiatria da UFRJ e pesquisador visitante do Institute of Psychiatry - King's College London.

**Fernanda Canavêz** - Psicóloga e Doutora em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Professora do Instituto de Psicologia da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ. Coordenadora do marginália - Laboratório de Psicanálise e Estudos sobre o Contemporâneo (IP/UFRJ).

**Florisvaldo Bispo dos Santos** - Guia turístico na Chapada Diamantina (BA), ex-garimpeiro e ex-prefeito de Lençóis (BA).

**Francisco Teixeira Portugal** - Psicólogo. Professor do Instituto de Psicologia da UFRJ e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRJ.

**Giovana Fagundes** - Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica pela PUC-USP e Doutora em Psicologia Social pela UERJ. Professora de Psicologia da UFPel. Coordenadora do Epochè - Laboratório de Pesquisas em Fenomenologia e Psicologia Existencial (UFPel).

**Laura Conceição** - Poeta, jornalista independente e arte educadora. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF. Foi vice-campeã mineira de poesia falada, classificando-se para o Campeonato Brasileiro de Slam nos anos de 2017 e 2021. Lançou seu primeiro CD de RAP, intitulado Tempos Efêmeros, em 2019 e atualmente trabalha na produção do seu segundo disco.

**Ludmila Frateschi** - Psicóloga e Psicanalista. Atua no consultório, integra a comissão editorial do Jornal de Psicanálise e a equipe do Serviço de Psicoterapia do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas (HC-FMUSP).

**Miro Spinelli** - Artista e Pesquisador. Vive entre o Brasil e Nova York. É doutorando em Estudos da Performance pela NYU, mesmo departamento onde completou seu segundo mestrado. Também é mestre em Artes da Cena pela UFRJ.

**Philippe Oliveira de Almeida** - Professor de Filosofia do Direito da Faculdade Nacional de Direito (UFRJ). Coordenador do Grupo de Pesquisa CERCO - Controle Estatal, Racismo e Colonialidade (UFRJ).

**PERIFaNÁLISE** - Coletivo de PERIFaNALISTAS que atendem na e para a Periferia de São Mateus - SP. Atualmente, é composto por Emília Ramos, Jefferson Santos, Kleber Albuquerque, Paula Jameli, Reine Rodrigues, Rosimeire Bussola, Thainá Aroca e Verônica Rosa.

**Psicanálise na Rua** - Coletivo de psicanalistas que oferece atendimento gratuito nas ruas de Brasília - DF.

**Saulo Luders Fernandes** - Professor do curso de Psicologia e do Programa de Pós Graduação em Psicologia da UFAL. Atua na área de Psicologia Social com ênfase na luta e

garantia de direitos de comunidades tradicionais, quilombolas, indígenas e movimentos de luta pela terra da região do agreste de Alagoas.

**Tania Rivera** - Psicanalista, Ensaísta e Curadora. Professora do Departamento de Arte e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da UFF e do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ.



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



**[www.editorafi.org](http://www.editorafi.org)**

[contato@editorafi.org](mailto:contato@editorafi.org)